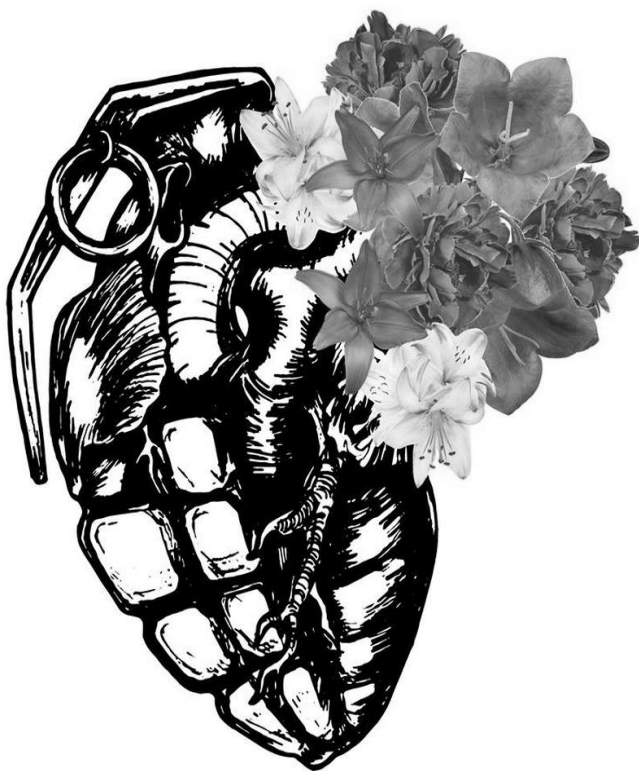


# CONTEÚDOS CORDIAIS

Química Humanizada para uma Escola sem  
Mordça





*Roberto Dalmo Varallo Lima de Oliveira*  
*Glória Regina Pessoa Campelo Queiroz*

**Organizadores**

# CONTEÚDOS CORDIAIS

**Química Humanizada para uma Escola sem  
Mordaza**  
*1a. edição*



Editora Livraria da Física  
São Paulo – 2017

Copyright © 2017 Editora Livraria da Física

1a. edição

Editor: JOSÉ ROBERTO MARINHO

Projeto gráfico e diagramação: EDI CARLOS PEREIRA DE SOUSA

Capa: EDI CARLOS PEREIRA DE SOUSA

Revisão ortográfica: FRANCIELLY BALIANA

Impressão: RENOVAGRAF

*Texto em conformidade com as novas regras ortográficas do Acordo da Língua Portuguesa.*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Conteúdos cordiais: química humanizada para uma escola sem mordça / Roberto Dalmo Varallo Lima de Oliveira, Glória Regina Pessoa Campelo Queiroz, organizadores. – 1. ed. – São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017. – (Coleção culturas, direitos humanos e diversidades na educação em ciências)

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN: 978-85-7861-515-4

1. Ciências - Estudo e ensino 2. Didática 3. Química - Estudo e ensino I. Oliveira, Roberto Dalmo Varallo Lima de. II. Queiroz, Glória Regina Pessoa Campelo. III. Série.

17-09705

CDD-540.07

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Química : Estudo e ensino 540.7

ISBN: 978-85-7861-515-4

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida sejam quais forem os meios empregados sem a permissão da Editora. Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107 da Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Impresso no Brasil

*Printed in Brazil*

 Editora Livraria da Física  
Tel./Fax: +55 11 3459-4327 / 3936-3413  
EDITORIAL [www.livrariadafisica.com.br](http://www.livrariadafisica.com.br)





# COLEÇÃO “CULTURAS, DIREITOS HUMANOS E DIVERSIDADES NA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS”

A elaboração da coleção “Culturas, Direitos Humanos e Diversidades na Educação em Ciências” está inserida em um cenário de política educacional nacional que valoriza a formação de professores a partir de valores sociais pertinentes aos Direitos Humanos. Esse entendimento se fortaleceu no Brasil como política de Estado a partir da constituição de 1988 e, posteriormente, a partir da construção dos Programas Nacionais de Direitos Humanos - PNDH (Brasil, 2003) e do Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos - PNEDH (Brasil, 2006), nos quais a Educação em Direitos Humanos é compreendida como um processo que articula três dimensões: a) conhecimentos e habilidades: compreender os direitos humanos e os mecanismos existentes para a sua proteção, assim como incentivar o exercício de habilidades na vida cotidiana; b) valores, atitudes e comportamentos: desenvolver valores e fortalecer atitudes e comportamentos que respeitem os direitos humanos; c) ações: desencadear atividades para a promoção, defesa e reparação das violações aos direitos humanos. Em 2012, o Conselho Nacional de Educação aprovou as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (Brasil, 2012), reforçando em seu artigo 4º que a Educação em Direitos Humanos possui como base a afirmação de valores, atitudes e práticas sociais que expressem a cultura dos direitos humanos em todos os espaços da sociedade e a formação de uma consciência cidadã capaz de se fazer presente nos níveis cognitivo, social, cultural e político. Por fim, destacamos que em 2015, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada dos profissionais do Magistério da Educação Básica (Brasil, 2015) reafirmaram o compromisso dos professores da Educação Básica e Superior com a Educação em Direitos Humanos, considerando-a como uma “necessidade estratégica na formação dos profissionais do magistério e na ação educativa em consonância com as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos”.

Tendo em vista esse cenário imaginamos que a criação dessa coleção possa proporcionar aos investigadores(as) da área de Educação em Ciências a publicação de suas pesquisas e indagações fomentando diálogos a partir das seguintes questões:

1. Educação em Direitos Humanos na formação e na prática de professores de Ciências
2. Questões étnico-raciais na formação e na prática de professores de Ciências
3. Sexualidades na formação e na prática de professores de Ciências
4. Saberes tradicionais e científicos na formação e na prática de professores de Ciências
5. Questões de Gênero na formação e na prática de professores de Ciências
6. Cultura e Território na formação e na prática de professores de Ciências
7. Estudos decoloniais na formação e na prática de professores de Ciências

Aguardamos suas contribuições e vamos juntos construir uma Educação em Ciências mais humanizada. Feita por pessoas e para as pessoas – todas elas.

*Roberto Dalmo Varallo Lima de Oliveira  
Glória Regina Pessoa Campello Queiroz*

## **Referências**

BRASIL. Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: 2003.

\_\_\_\_\_. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: 2006.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Diário Oficial da União: 30 de maio de 2012.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial e continuada dos profissionais do magistério da Educação Básica**. Publicado no D.O.U. 25 de junho de 2015.



# CONSELHO EDITORIAL

Roberto Dalmo Varallo Lima de Oliveira (Dr. UFU) – coordenador  
Glória Regina Pessôa Campello Queiroz (Dra. UERJ) – coordenadora  
Ana Carolina Amaral de Pontes (Dra. UFRPE)  
Andreia Guerra (Dra. CEFET-RJ)  
Bárbara Carine Soares Pinheiro (Dra. UFBA)  
Bruno Andrade Pinto Monteiro (Dr. UFRJ)  
Celso Sánchez Pereira (Dr. UNIRIO)  
Claudia Miranda (Dra. UNIRIO)  
Helena Esser dos Reis (Dra. UFG)  
Irlan von Linsingen (Dr. UFSC)  
Isabel Martins (Dra. UFRJ)  
José Euzébio Simões Neto (Dr. UFRPE)  
José Gonçalves Teixeira Júnior (Dr. UFU)  
Juliano Soares Pinheiro (Dr. UFU)  
Katemari Rosa (Dra. UFBA)  
Katia Dias Ferreira Ribeiro (Dra. UFMT)  
Leonardo Moreira Maciel (Dr. UFRJ)  
Luiz Claudio da Silva Câmara (Dr. UFRJ)  
Luiz Fernando Marques Dorvillé (Dr. UERJ)  
Marcelo Andrade (Dr. PUC-RIO)  
Maria de Lourdes Nunes (Dra. UFPI)  
Maria Luiza Gastal (Dra. UNB)  
Marlon Herbert Flora Soares (Dr. UFG)  
Martha Marandino (Dra. USP)  
Maura Ventura Chinelli (Dra. UFF)  
Mônica Andréa Oliveira Almeida (Dra. CAP-UERJ)  
Natália Tavares Rios Ramiarina (Dra. UFRJ)  
Nicéa Quintino Amauro (Dra. UFU)  
Paulo Cesar Pinheiro (Dr. UFSJ)  
Plábio Marcos Martins Desidério (Dr. UFT)  
Pedro Pinheiro Teixeira (Dr. CAP – UFRJ)  
Suzani Cassiani (Dra. UFSC)



*“Amar e mudar as coisas me interessa mais”  
Alucinação – Belchior*



# AGRADECIMENTOS

**G**OSTARÍAMOS de agradecer à Livraria da Física que, desde o livro “Olhares sobre a (in)diferença”, publicado em 2015, abre espaço para nossos trabalhos e para o entendimento de que a Educação em Ciências deve ser feita levando em consideração aspectos dos Direitos Humanos.

A certeza de ter uma editora que receberá com carinho e compromisso o nosso trabalho é motor para a união das pessoas e a dedicação para entregar a você, leitor e leitora, o melhor que podemos. Também gostaríamos de agradecer ao professor Márlon Herbet Flora Barbosa Soares, da UFG, pela leitura prévia desse texto e pela contribuição com o prefácio. Você é inspiração como pessoa, professor e pesquisador para todos nós. Agradecemos à Francielly Baliana por mais essa dedicação aos nossos textos como revisora ortográfica e estilística. E por fim agradecemos a todos autores e autoras, colaboradores deste trabalho. Não poderíamos deixar de falar um pouco sobre o processo de elaboração deste livro e destacar que após o Encontro Nacional de Ensino de Química em 2016 – Florianópolis – convidamos algumas pessoas para esse texto. O processo foi lindo! Criamos um grupo e tivemos a proposta de que esse livro não fosse composto apenas por pessoas que isoladamente entregariam seu capítulo, mas que participassem de todos os processos de forma mais horizontal o possível. Nesse grupo, falamos muita besteira, contamos piadas, debatemos política, falamos de música, de séries, filmes, de tudo. Mas o que tem a ver isso com o trabalho? A construção de uma unidade. A elaboração desse texto não é o somatório de mentes individuais que entregam capítulos por mais uma possibilidade de publicar, mas é uma construção coletiva. Cada capítulo, apesar da autoria de alguns, tem um pouco de nós todos. Os capítulos eram entregues, outra pessoa do grupo se disponibilizava a ler, debater, corrigir e entregar novamente para os autores principais. Esse processo fez com que a elaboração do livro fosse um pouco mais demorada, mas e daí? Temos pressa, sim, de construir uma sociedade mais plural, democrática e uma Educação em Química mais humanizada, porém, isso não seria verdade sem a construção dessa unidade – um trabalho artesanal que se propõe a tocar mentes e corações. Obrigado a vocês que fazem parte deste livro. E obrigado a vocês, leitores e leitoras, pelo prestígio e pela honra de suas leituras e críticas.



## PRE(NADA)FÁCIO

**Q**UANDO fui convidado para prefaciar esse livro, fiquei muito feliz e orgulhoso. Jovens pesquisadores do Ensino de Química em uma obra provocativa e transgressora. Cordialmente meu coração palpitou. Depois comecei a tremer, ficar sem dormir, roer as unhas, abandonei as redes sociais (para você, leitor, imaginar o tamanho do desespero) e ficar ansioso. Porque depois de ler o livro, senti verdadeiramente o tamanho da responsabilidade e o peso de apresentar os Conteúdos Cordiais. Prefácio? Pré Difícil!!

Posso dizer, sem dúvida, que foi uma das obras mais significativas que tive o prazer de ler em nossos tempos tenebrosos. Os organizadores do livro, em sua introdução, vão explicar para você o que eles entendem por Conteúdos Cordiais. Eu entendi que, da maneira que explicaram, eles não apenas Cordiais, como foram além. E o livro me sacudiu para enxergar o ensino de Química com outras vestes que não aquelas que visto repetidamente no meu guarda-roupa. São roupas novas, mas há também fantasias provocativas, camisetas revolucionárias, calças rasgadas, saias rodadas e bermudas coloridas. O Ensino de Química de roupa social é, foi e será muito importante, mas, convenhamos, é às vezes cinza, e precisa urgentemente dessas novas cores berrantes e que incomodam os olhos.

Aqui, estamos tratando também de gerações. Em uma mesa de boteco (diga-se, as questões do mundo deveriam ser discutidas em uma mesa de boteco), conversando com Roberto Dalmo, debatíamos sobre as gerações do Ensino de Química no Brasil. De maneira informal e nada científica, considero a partir daquela nossa conversa que poderíamos afirmar que grande parte dos autores e das autoras deste livro são da 3ª geração de educadores químicos. Houve uma primeira geração, batalhadora, fundadora, iniciadora com todos os percalços de um começo. A segunda geração, oriunda das revoluções e iniciativas desse começo, que chamarei de intermediária, é aquela a qual pertencço. Como o próprio nome diz, é uma geração que pretende continuar aquele legado inicial, tentando dar novos ares e novos caminhos. E acho que chegamos na 3ª, que na verdade se mistura em

alguns aspectos com a intermediária, como uma intersecção em um conjunto matemático. Estão imersos em novas realidades formativas e querem mudança. Aliás, eles exigem mudanças. Não tenho dúvida alguma de que são melhores que nós. Por que digo isso, perguntaria você. Ora, porque acredito piamente que têm de ser assim. Caso não fossem, seríamos um fracasso como formadores. Se as gerações vindouras não forem melhores do que nós, como a área crescerá? A força desse livro reside nisso!

Elas e eles são Cordiais por se preocuparem com o humano, com a humanidade, com as questões sociais em seus vários aspectos, com as relações étnico-raciais, com os gêneros, com todas aquelas reticências e etcéteras esquecidas de nossa sociedade. E com você. O livro até poderia se chamar Conteúdos Empáticos. Mas nada poderia demonstrar o que são para mim esses meninos e essas meninas senão o próprio metaforizado coração, e daí para o Cordial nem é um pulo, é uma batida. É uma ciência para os direitos humanos, para os humanos de esquerda, direita, do centro. Para as minorias quase nunca representadas na ciência e para seu necessário empoderamento. Esse pessoal tem uma certeza muito evidente, sem exagero nas palavras: a ciência deve mesmo ser para todos e todas.

São nove capítulos que lentamente vão desenhando e construindo nós. Pense suas ideias como cordas a partir daqui. Observe como elas se entrelaçam não necessariamente em uma ordem clássica, mas totalmente soltas e entrópicas. Imagine-as com gosto ácido em uma saliva cujo pH é neutro. Não se sente uma dor física, mas uma transformação exotérmica que tira o conforto e faz ter a certeza do quanto os leitores apreciarão essa reação química altamente catalisada na forma de um livro impresso. Vou tentar apresentá-los a você, caro leitor. São tão densos que, antes de descrevê-los de forma resumida, peço desculpas pela superficialidade. Mas é que este pré(nada)fácio tem a necessidade de não ser longo, porque ele é o que menos interessará a você. Lembre-se de imaginar as cordas soltas no espaço.

O livro começa com a química das pimentas. Mas ela não é cinza, não é um trabalho somente sobre o que as nossas pimentas têm de química. É a química da pimenta imersa no Candomblé! Não é a pimenta da sua casa, tão somente, e não é uma contextualização como aquela que tentamos ensinar na Licenciatura. É mais, pois é um contexto de uma religião de matriz africana. Eu, de minha parte, mastiguei uma pimenta, para limpar o meu hálito e conversar melhor com os autores. Thor, o deus nórdico e loiro, nem sabe o que é pimenta. Mas Exu está de olho. As cordas começam a se aproximar umas das outras.



O segundo capítulo fala das mulheres quebradeiras de coco de babaçu. A partir dessa temática, os autores apresentam as questões sociais e de empoderamento dessas mulheres em seu ambiente e exploram as reações de saponificação a partir do óleo de babaçu. Não é somente a química do óleo de babaçu ou questões similares. É a discussão de uma tradição passada oralmente de uma geração a outra. É dar voz àquelas que em princípio estão invisíveis atrás dos cocos. De novo, não é aquela química do cotidiano sobre a química do detergente e do sabão do supermercado. É dentro de outra comunidade e realidade que poucos verdadeiramente conhecem. Agora, as cordas pensam em se entrelaçar, parecendo, aos olhos não treinados, perdidas.

O próximo capítulo nos fala sobre mineradoras. Não, na verdade, fala dos conflitos existentes nas atividades mineradoras. Pois bem, eles começam fazendo a relação das atividades mineradoras a partir do conhecimento dos escravos. Depois nos provocam: o trabalho escravo dentro da mineração de fato acabou? Aliás, aproveito para perguntar: o trabalhador brasileiro será reduzido a quê nos próximos anos? A partir dessas relações desumanas de trabalho e da mineração e sua relação com efetivo prejuízo ao meio ambiente, somos instados a refletir sobre a mineração, as relações de trabalho, o meio ambiente e as possibilidades oriundas dessas junções. E dentro de todo esse balaio provocador, estudamos as funções inorgânicas. É por meio destas funções e o conhecimento sobre elas que podemos nos posicionar como cidadãos que possam atuar no sentido de minimizar e, quem sabe, reconstruir o balaio. As cordas se entrelaçam, às vezes calmas, às vezes sedentas.

O capítulo de número 4 vem nos apresentar uma união profícua entre teatro e sua relação com o gênero. Discute conceitos de radioatividade a partir de uma encenação teatral sobre a vida de Marie Curie. Essa descrição já seria suficientemente inovadora, mas temos mais. É usar a arte para problematizar de forma incisiva nosso conhecimento científico. O texto busca discutir a igualdade de gênero dentro da Ciência e sabemos nós o quanto ela ainda é amplamente masculina. O quanto é difícil ser mulher e cientista. Ao ponto de um dos maiores eventos em Química do mundo (IUPAC – 2017 em São Paulo) ter um simpósio dedicado às mulheres na Ciência, onde se mostrou que na seara da pesquisa em Química no mundo, apenas cerca de 30% são mulheres. As cordas agora estão entrelaçadas e buscam mais cordas para se completarem.

O quinto capítulo começa com a autora enxergando não só o problema grave do lixo em nossa sociedade. Ela enxerga o gari. Ela tira da invisibili-

dade o sujeito responsável pelo nosso lixo de cada dia. E mais, vem mostrar o quanto o lixo muda a partir de nossa inserção em uma sociedade voltada para o consumo. Relaciona o lixo com as transformações químicas e nos apresenta duas propostas de transformação a partir do lixo, reciclagem do papel e produção do sabão em barra. Mas o mais importante é que você possa pensar, a partir da química, quem de fato recolhe seu lixo. Que você possa vê-los, mesmo que não sinta o cheiro que eles sentem atrás dos caminhões em que estão empoleirados. As cordas entrelaçadas se entrelaçam ainda mais, como se buscassem respostas e como se já soubessem de outras.

O capítulo 6 discute a química dos hormônios sexuais. Ledo engano se você acha que será somente isso. A voz aqui é dada a Sirena e Quentin, jovens transexuais, e é a partir da percepção deles que a autora e o autor escrevem o trabalho e apresentam tanto as questões sociais envolvidas na adequação sexual como as questões relacionadas à Química e a seu ensino. É mais um grupo invisível alçado à posição de protagonista. Dessa forma, podemos ver como a química pode ser utilizada para discutir os vários aspectos sociais presentes em nossa visão de heteronormatividade. Principalmente no que se refere ao nosso preconceito diário. O capítulo reafirma a posição do livro: dar voz, pela ciência, a quem não tem. Tornar pessoas visíveis a quem pretende enxergar novas perspectivas. Não só a fada madrinha da passabilidade, mas a fada madrinha da alteridade. Agora temos um mói de cordas misturadas, envolvidas, no qual não se vê onde começam ou onde terminam.

O próximo capítulo fala sobre aquela água que você bebe e com a qual se banha todos os dias, pelo menos você, que tem acesso a isso. Há uma quantidade grande de pessoas em todo o mundo que não tem acesso à água. As distorções econômicas e sociais presentes em nossa sociedade passam pelo que as autoras chamam de injustiça hídrica. Ou seja, a água é um Direito Humano Fundamental e que, na verdade, não está sendo um direito. A seguir, há uma proposta de ação no qual o tema água é trabalhado por uma gama de pequenos projetos propostos pelos alunos, que vão desde filtros e cloradores, captação de águas da chuva até tratamento da água para consumo doméstico. Não é só saber que a água é  $H_2O$ , além de insípida, inodora e incolor. A água é um direito negado à parcela significativa da população e para isso deve ter gosto, cheiro e cor. As cordas parecem uma só, ao mesmo tempo em que fica fácil ver como são independentes, ao mesmo tempo em que estão juntas.

O penúltimo capítulo trata das cerâmicas de Monte Carmelo. Uma cidade no interior de Minas Gerais. Ela se caracteriza por ter uma boa

quantidade de Indústrias Cerâmicas, chamadas simplesmente de Cerâmicas. Há novamente a voz do outro. E o outro aqui é o trabalhador das cerâmicas. Seus problemas sociais e suas condições de trabalho. Concomitante às vozes ouvidas, as autoras e o autor apresentam a química das argilas, matéria-prima das cerâmicas, e fazem a proposição de uma atividade didática do tipo estudo de caso com forte componente social e econômico, no qual os alunos também manipularão a argila, conhecendo-a. Não satisfeitos, ainda promoverão uma visita técnica às cerâmicas. Tudo isso para dar uma resposta ao caso proposto. Diz o Gênesis: *“Do pó viemos, ao pó retornaremos”*. E não é que esse pó é a argila? Nada mais próximo do ser humano que o trabalho, as questões sociais desse trabalho e sua realidade imersa em sua cultura. E neste momento, todas aquelas cordas começam a se locupletar de nós. Vários nós, centenas deles.

E chegamos ao último capítulo. Aqui, somos apresentados à Agricultura Cordial. Que além de apresentar a química em um contexto de assentamento e discussão da reforma agrária, busca incluir sujeitos outrora vilipendiados. Com isso, a proposta acaba, por meio da química, fortalecendo os movimentos sociais diversos, não somente o da reforma agrária. A proposta didática, a partir do ciclo do nitrogênio, desenvolvimento de adubos e suas aplicações na agricultura, leva os alunos a pensarem na necessidade e no impacto que a agricultura familiar faz no que se refere à produção de alimentos e à importância da química nesse processo, com a responsabilidade de desenvolver os adubos presentes tanto na agricultura familiar quanto no que produz os grandes produtores mundiais. Acaba o livro e o que vejo é uma imensidão de cordas juntas, sem começo, nem fim e com uma infinidade de nós.

Não sei o que você pensará, caro leitor. Mas pensará. Mas para mim, ficou muito claro que essa molecada, no livro todo, tem como objetivo capturar um tema, um assunto, que em algum momento foi discutido de maneira linear em artigos, livros didáticos, salas de aula. Depois, eles e elas dão verdadeiros nós de escoteiro nos temas. Não no sentido de prender, mas de te segurar, de te alertar. Eu ainda não sei se eles querem que os leitores desatem esses nós. Estou pensando sobre isso. E vou continuar pensando, pois, de fato, não sei se quero mesmo desatar esses nós. Acho importante que eles fiquem ali, incomodando, fazendo pensar, fazendo refletir, chicoteando nossas costas inertes e acomodadas. Pois, assim, machucam mais e farão, de alguma maneira, que nos levantemos e comecemos a desatar não estes, mas os nós de nossas próprias cordas.

Esse livro é transgressor. No sentido de violador mesmo. Das ideias

ultrapassadas e retrógradas. Essa molecada é a Carmen de Georges Bizet, em sua estreia em 1875. Esbofeteando a hipocrisia da sociedade parisiense a partir de uma cigana transgressora e senhora de si. No entanto, as ideias aqui não morrerão no final, porque são necessárias e provocam. E é a partir daí que os debates surgem e a sociedade pensa. São tempos sombrios para se pensar. É por isso que temos sempre que insistir em fazê-lo. Esse livro faz. E fará nos anos vindouros.

Para terminar, encerro com transgressão:

*É necessário sempre acreditar que o sonho é possível  
Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível  
Que o tempo ruim vai passar, é só uma fase  
E o sofrimento alimenta mais a sua coragem  
Que a sua família precisa de você  
Lado a lado se ganhar pra te apoiar se perder  
Falo do amor entre homem, filho e mulher  
A única verdade universal que mantém a fé  
Olho as crianças que é o futuro e a esperança  
Que ainda não conhecem, não sentem o que é ódio e ganância  
Eu vejo o rico que teme perder a fortuna  
Enquanto o mano desempregado, viciado, se afunda  
Falo do enfermo, irmão, falo do são, então  
Falo da rua que pra esse louco mundão  
Que o caminho da cura pode ser a doença  
Que o caminho do perdão às vezes é a sentença  
Desavença, treta e falsa união  
A ambição é como um véu que cega os irmão  
Que nem um carro guiado na estrada da vida  
Sem farol no deserto das trevas perdidas  
Eu fui orgia, ébrio, louco, mas hoje ando sóbrio  
Guardo o revólver quando você me fala em ódio  
Eu vejo o corpo, a mente, a alma, o espírito  
Ouço o repente e o que diz lá no canto lírico  
Falo do cérebro e do coração  
Vejo egoísmo, preconceito de irmão pra irmão  
A vida não é o problema, é batalha, desafio  
Cada obstáculo é uma lição, eu anuncio  
É isso aí, você não pode parar  
Esperar o tempo ruim vir te abraçar  
Acreditar que sonhar sempre é preciso  
É o que mantém os irmãos vivos*

*(A vida é desafio - Racionais MC's)*